

DAVID FOSTER WALLACE

Graça infinita

Tradução

Caetano W. Galindo



Copyright do texto © 1996 by David Foster Wallace

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Infinite Jest

Capa

Nik Neves

Foto de capa

<completar>

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Carmen T. S. Costa

<completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wallace, David Foster

Graça infinita / David Foster Wallace ; tradução Caetano W. Galindo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original : Infinite Jest.

ISBN 978-85-359-2504-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-09968

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



ANO FELIZ

Estou sentado num escritório, cercado de cabeças e corpos. Minha postura está conscientemente moldada ao formato da cadeira dura. Trata-se de uma sala fria da Administração da Universidade, com paredes revestidas de madeira e enfeitadas por Remingtons, janelas duplas contra o calor de novembro, insulada dos sons administrativos pela área da recepção à sua frente, onde o Tio Charles, o sr. deLint e eu tínhamos sido recebidos um pouco antes.

Eu estou aqui.

Três rostos ganharam nitidez logo acima de blazers esportivos de verão e meios-windsors do outro lado de uma mesa de reunião envernizada que reluzia sob a luz aracnoide de uma tarde do Arizona. São os três Gestores — de Seleção, Assuntos Acadêmicos, Assuntos Esportivos. Não sei qual rosto é de quem.

Acredito que a minha aparência seja neutra, quem sabe até agradável, embora tenham me instruído a ficar mais para a neutralidade e não tentar o que para mim pareceria uma expressão agradável ou um sorriso.

Eu decidi cruzar as pernas, espero, com cuidado, tornozelo no joelho, mãos juntas no colo da calça. Estou com os dedos emaranhados numa série especular do que se manifesta, para mim, como a letra X. O resto dos envolvidos na entrevista são: o Diretor de Redação da Universidade, o técnico da equipe de tênis da instituição e o Gestor da Academia, o sr. A. deLint. O C.T. está ao meu lado; os outros, respectivamente sentados, de pé e de pé na periferia do meu campo de visão. O técnico de tênis está

sacudindo moedinhas no bolso. Há algo vagamente digestivo no odor da sala. O solado de alta aderência do meu tênis Nike de cortesia corre paralelo ao mocassim balouçante do irmão da minha mãe, aqui presente como Diretor, sentado na cadeira que está imediatamente onde, espero, seja a minha direita, também encarando os Gestores.

O Gestor à esquerda, um sujeito magro e amarelado cujo sorriso fixo contudo tem a aura transitória de algo gravado num material que não quer colaborar, é um tipo de personalidade que recentemente passei a apreciar, o tipo que retarda a necessidade de qualquer reação minha ao relatar meu lado da história por mim, para mim. Depois de receber uma pilha de folhas de computador de um Gestor ali no centro com meio que uma jubona, ele está falando mais ou menos com as páginas, sorrindo lá de cima.

“Você é Harold Incandenza, dezoito anos, data de formatura no ensino médio daqui a aproximadamente um mês, aluno da Academia de Tênis Enfield, em Enfield, Massachusetts, uma escola em regime de internato, onde você reside.” Os óculos de leitura dele são retangulares, em formato de quadra, com as linhas laterais em cima e embaixo. “Você, segundo o sr. White, nosso técnico, e o Gestor [incompreensível], é um jogador júnior que está ranqueado regional, nacional e continentalmente, um jogador com potencial para entrar na CAAONAN, que promete muito, recrutado pelo sr. White através de uma troca de cartas com o dr. Tavis aqui presente, que teve início em... fevereiro deste ano.” A página de cima é retirada com regularidade e levada organizadamente para baixo da pilha. “Você é residente da Academia de Tênis Enfield desde os sete anos de idade.”

Eu estou debatendo internamente se arrisco coçar o lado direito do meu queixo, onde há um fruncho.

“O sr. White informa ao nosso escritório que tem a Academia de Tênis Enfield em alta consideração, que a equipe de tênis da Universidade do Arizona já se beneficiou com o ingresso de vários outros egressos da ATE, sendo um deles o sr. Aubrey F. deLint, que aparentemente também está aqui hoje com você. O sr. White e sua equipe nos deram...”

A gramática do administrador é no geral medíocre, embora eu tenha que admitir que ele se fez entender. O Diretor de Redação parece ter mais que o número normal de sobrancelhas. O Gestor à direita está olhando para o meu rosto de um jeito meio estranho.

Tio Charles está dizendo que embora ele imagine que os Gestores possam estar propensos a considerar o que ele avalia que viria da sua possível presença aqui como uma espécie de garoto-propaganda da ATE, que ele pode garantir aos Gestores aqui reunidos que tudo isso é verdade, e que a academia tem no momento entre seus residentes nada menos que um terço dos juniores top 30 deste continente em tudo quanto é classe etária, e que euzinho aqui, normalmente conhecido por “Hal”, estou “bem lá em cima nessa lista dos melhores”. Os Gestores da direita e do centro sorriem profissionalmente; as cabeças de deLint e do técnico se inclinam, enquanto o Gestor à esquerda pigarreia:

“... a certeza de que você pode muito bem representar, já como calouro, uma verdadeira contribuição para o programa esportivo desta Universidade. É para nós um prazer”, ele diz ou lê, retirando uma página, “que uma competição de natureza algo importante tenha trazido você até aqui e nos dado a chance de sentar e conversar com você sobre a sua inscrição e o seu potencial ingresso, matrícula e bolsa.”

“Me disseram para acrescentar que o Hal aqui é o terceiro cabeça de chave no sub-18 masculino de simples no prestigioso torneio júnior WhataBurger lá no Randolph Tennis Center...”, diz o que eu deduzo ser o de Assuntos Esportivos, com a cabeça de lado mostrando um escalpo sardento.

“Lá no Randolph Park, perto do sensacional Marriott El Con”, o C.T. acrescenta, “umas instalações que o pessoal todo fez questão de declarar absolutamente de primeira até aqui, o que...”

“Isso mesmo, Chuck, e que segundo o Chuck aqui o Hal já venceu a sua chave, chegou à semifinal por causa da vitória aparentemente impressionante de hoje de manhã, e ele vai jogar no Centro amanhã de manhã de novo, contra o vencedor de uma das quartas de final de hoje à noite, portanto vai estar na quadra eu acho que está agendado para as 0830...”

“Tente acabar com tudo antes daquele calor horroroso. Tudo bem que é um calor seco.”

“... e aparentemente já se classificou para o Continental Indoors deste ano lá em Edmonton, o Kirk me falou...”, virando mais a cabeça para olhar para a direita e para a esquerda, para o técnico, cujo sorriso tem dentes radiantes contra uma pele violentamente queimada de sol — “O que não é pouca porcária.” Ele sorri, olhando para mim. “Será que é isso mesmo, então, Hal.”

O C.T. cruzou os braços de um jeito despreocupado; a carne dos tríceps dele mostra uma teia variegada pelo sol através do ar-condicionado. “Pode crer, Bill.” Ele sorri. As duas metades do seu bigode nunca estão exatamente iguais. “E me permita dizer se for possível que o Hal está empolgado, empolgado por ter sido convidado pelo terceiro ano seguido para o torneio, por estar de volta aqui, numa comunidade da qual ele particularmente gosta, por se encontrar com os ex-alunos da academia e a equipe técnica de vocês, por já ter vencido uma chave tão grande na competição nada simples desta semana, por como eles dizem ainda estar no jogo antes da gorda de chapéu de viking cantar, por assim dizer, mas é claro que acima de tudo por ter a chance de falar com os senhores e de dar uma olhada nas instalações daqui. Tudo aqui é absolutamente de primeira, pelo que ele viu.”

Há um silêncio. DeLint se reacomoda contra os painéis da parede e recentraliza seu peso. O meu tio sorri largo e ajeita a pulseira ajeitada do relógio. 62,5% dos rostos da sala estão voltados na minha direção, com uma agradável expectativa. O meu peito está saltando como uma secadora cheia de sapatos. Eu componho o que pretendo que seja visto como um sorriso. Eu me viro pra lá e pra cá de leve, como que dirigindo a expressão a todos os presentes.

Há um novo silêncio. As sobrancelhas do Gestor amarelo se circunflexam. Os

dois outros Gestores olham para o Diretor de Redação. O técnico de tênis foi para a ampla janela, passando a mão na parte de trás da cabeça de cabelo raspado. Tio Charles alisa o antebraço acima do relógio. Sombras curvas e nítidas de palmas se movem um pouco sobre o brilho da mesa de pinho, tendo como sua lua negra a sombra da única cabeça.

“Tudo bem com o Hal, Chuck?”, pergunta o Assuntos Esportivos. “Parece que o Hal... bom, parece que ele fez uma careta. Ele está com alguma dor? Você está com alguma dor, meu filho?”

“O Hal está beleza”, sorri meu tio, tranquilizando o ar com uma mão despreocupada. “É só digamos talvez um tique nervoso, coisa pouca, por causa de toda a adrenalina de estar aqui nesse campus impressionante de vocês, vencendo a chave como se esperava dele, sem perder nenhum set até aqui, recebendo do sr. White aqui aquela oferta oficial por escrito que oferecia não só a isenção das mensalidades mas uma bolsa-moradia, em papel timbrado da Conferência Esportiva do Pacífico, e estando preparado para assinar com toda probabilidade uma Carta Nacional de Intenções neste mesmíssimo momento, hoje mesmo, ele me deu a entender.” O C.T. me olha com um olhar terrivelmente manso. Eu faço a coisa mais segura, relaxo todos os músculos do rosto, elimino toda e qualquer expressão. Fico encarando cautelosamente o nó kekuleano da gravata do Gestor do meio.

A minha reação silente ao silêncio ansioso começa a afetar o ar da sala, com partículas de poeira e de felpas de blazers sendo sacudidas pelo vento do ar-condicionado, dançando convulsas no plano inclinado de luz da janela, e o ar sobre a mesa lembrando o espaço efervescente logo acima de um copo de soda recém-servida. O técnico, com um leve sotaque nem britânico nem australiano, está dizendo para o C.T. que o processo todo da entrevista de ingresso, por mais que normalmente seja só uma formalidade muito amena, provavelmente será mais acentuado se o candidato falar por si próprio. Os Gestores da direita e do meio se inclinaram um para o outro num debate em tom baixo, formando como que uma cabana de pele e cabelo. Deduzo que o técnico quis dizer *agilizar* em vez de *acentuar*, embora *acelerar*, mesmo sendo mais estranho que *agilizar* nesse contexto, tem uma perspectiva fonética mais razoável, como erro. O Pró-Reitor com o rosto chocho e amarelo se inclinou para a frente com os lábios repuxados para trás no que eu interpreto como preocupação. As mãos dele se reuniram na superfície da mesa de reuniões. Os seus dedos parecem estar copulando enquanto minha série de quatro Xs se dissolve e eu me seguro bem nas laterais da minha cadeira.

Nós precisamos ter uma conversinha franca sobre potenciais problemas com a minha inscrição, eles e eu, ele está começando a dizer. Ele faz uma referência à franqueza e ao seu valor.

“As questões com que o meu escritório tem que lidar no que se refere aos documentos enviados para a sua inscrição, Hal, têm a ver com algumas notas.” Ele dá uma espiada numa folha colorida de notas de testes que está na trincheira que seus braços formaram. “O pessoal da Seleção está vendo umas notas suas nos testes padronizados

que são, como eu tenho certeza que você sabe e pode explicar, que são, digamos assim... subnormais.” É para eu explicar.

Claro que esse Gestor amarelo muito do sincero à esquerda é o de Seleção. E claro que a figurinha aviária à direita é o de Esportes, então, porque os vincos faciais do hirsuto Gestor do meio agora estão cerrados numa espécie de afronta distanciada, uma cara de estou-comendo-alguma-coisa-que-me-faz-apreciar-muito-o-que-quer-que-eu-esteja-bebendo, que trai reservas acadêmicas profissionais. Uma fidelidade descomplicada aos padrões, então, no meio. Meu tio está olhando para o Assuntos Esportivos como se estivesse intrigado. Ele se mexe levemente na cadeira.

A discrepância entre a cor das mãos e do rosto do Seleção é quase doida. “... notas na parte verbal que ficam só um bom tantinho mais próximas do zero do que nós gostaríamos de ver contrastam com um currículo de ensino médio de uma instituição onde tanto sua mãe quanto o irmão dela são administradores...”, lendo diretamente da pilha de papéis delimitada pela elipse de seus braços — “que neste último ano, é verdade, piorou um pouquinho, mas com essa palavra eu quero dizer ‘piorou’ para um nível sensacional depois de três anos anteriores francamente incríveis.”

“Prodigiosos.”

“A maioria das escolas nem tem notas acima de 10”, diz o Diretor de Redação com uma expressão facial impossível de interpretar.

“Esse tipo de... como é que eu posso dizer... de discrepância”, diz o de Seleção, com uma expressão direta e preocupada, “devo lhe dizer que isso levanta uma bandeira vermelha de preocupações potenciais durante o processo de ingresso acadêmico.”

“Portanto pedimos que você explique o surgimento da discrepância, senão o de um total caos.” O Assuntos Estudantis tem uma vozinha flautada que é absurda vindo de um rosto daquele tamanho.

“Com certeza o senhor quer dizer muito impressionante quando fala *incrível*, em vez de literalmente aspas ‘incrível’, com certeza”, diz o C.T., que parece estar olhando o técnico massagear a nuca junto à janela. A janela imensa se abre sobre nada além de um sol atordoante e uma terra rachada encimada por distorções provocadas pelo calor.

“E aí nós ainda temos que lidar com a questão dos não dois conforme solicitado mas nove ensaios anexados ao formulário de matrícula, alguns quase do tamanho de uma monografia, sendo cada um deles sem exceção...”, outra folha, “o adjetivo que vários avaliadores empregaram foi aspas simples ‘estelar’...”

Dir. de Red.: “Eu empreguei deliberadamente na minha avaliação os adjetivos *lapidar* e *estéril*”.

“... mas em áreas e com títulos, como eu tenho certeza que você lembra muito bem, Hal: ‘Premissas neoclássicas na gramática prescritiva contemporânea’, ‘As implicações de transformações pós-Fourier para um cinema holográfico mimético’, ‘A emergência da estase heroica no entretenimento televisivo’...”

“‘A gramática de Montague e a semântica da modalidade física?’”

“Um homem que começa a suspeitar que era feito de vidro?”

“Simbolismo terciário no material erótico do período Justiniano?”

Mostrando agora amplas extensões de gengiva retraída. “Basta dizer que há uma clara e franca preocupação de que quem recebeu essas notas infelizes, ainda que talvez explicáveis, nos testes não seja o único autor individual desses ensaios.”

“Eu não estou entendendo bem se o Hal está entendendo bem o que está sendo insinuado aqui”, meu tio diz. O Pró-Reitor do meio está dedilhando as lapelas enquanto interpreta desagradáveis dados informáticos.

“O que a universidade está dizendo aqui é que de um ponto de vista estritamente acadêmico há uns probleminhas nos formulários que o Hal precisa tentar nos ajudar a dirimir. O primeiro papel de um ingressante na universidade é e deve sempre ser o de estudante. Nós não poderíamos aceitar um aluno que temos motivos para suspeitar que não dê conta do recado, por mais que ele possa ser uma grande contribuição nos estádios.”

“O Gestor Sawyer quer dizer quadras, claro, Chuck”, diz o Assuntos Esportivos com a cabeça tão severamente inclinada que de alguma maneira chega a incluir o tal White atrás dele como destinatário da mensagem. “Isso sem nem falar dos regulamentos e dos investigadores da CAAONAN que estão sempre fuçando para ver se acham nem que seja só um cheirinho de inadequação.”

O técnico de tênis olha para o seu relógio.

“Isso considerando que essas notas aqui sejam reflexões precisas de uma capacidade efetiva neste caso”, diz o Assuntos Estudantis com a voz aguda agora séria e sotto, ainda olhando para a ficha diante de si como se fosse um prato de alguma coisa ruim, “vou lhes dizer de uma vez que a minha opinião é que não seria justo. Não seria justo com os outros candidatos. Não seria justo com a comunidade universitária.” Ele olha para mim. “E seria especialmente injusto com o próprio Hal. Aceitar um menino que nós vemos simplesmente como uma contribuição no campo esportivo seria a mesma coisa que simplesmente usar o menino. Nós estamos sob uma pletera de avaliações que tentam garantir que não usamos ninguém. Os seus resultados nos testes, meu filho, indicam que nós podíamos ser acusados de usar você.”

O tio Charles está pedindo que o sr. White pergunte ao Gestor de Assuntos Esportivos se essa neurose com as notas ia ser tão grande se eu fosse, digamos, um lucrativo prodígio do futebol americano. O familiar pânico de me sentir mal-entendido está crescendo, e o meu peito pula e sacoleja. Eu estou gastando energia para me manter totalmente calado na cadeira, vazio, com dois grandes zeros claros nos olhos. Teve gente que me prometeu que ia me ajudar com isso aqui.

Já o tio C.T., por sua vez, está com a cara oprimida dos encurralados. A voz dele fica com um timbre esquisito quando ele está acuado, como se ele estivesse gritando enquanto recua. “As notas do Hal na ATE, que eu devo sublinhar que é uma Academia, e não simplesmente um acampamento ou uma fábrica, reconhecida tanto pelo Estado de Massachusetts quanto pela Associação das Academias Esportivas da América do Norte, focada nas necessidades totais do jogador e aluno, fundada por

uma figura de grande estatura intelectual cujo nome eu mal preciso recordar, aqui, e baseada por ele no rigoroso modelo curricular de trívio e quadrívio de Oxbridge, uma escola com equipamentos e equipe completos, uma equipe plenamente certificada, deveriam mostrar que o meu sobrinho aqui dá conta de qualquer recado que a Conferência do Pacífico precise transmitir, e que...”

DeLint está se aproximando do técnico de tênis, que sacode a cabeça.

“... poderia ver um nítido tom de preconceito contra um esporte menor nisso tudo”, diz o C.T., cruzando e recruzando as pernas enquanto eu ouço, composto e encarando fixo.

O silêncio gaseificado da sala agora é hostil. “Acho que está na hora de deixar o próprio candidato falar em sua defesa”, o Gestor de Assuntos Acadêmicos diz muito tranquilamente. “Isso parece de certa forma impossível com o senhor aqui.”

O Assuntos Esportivos sorri cansado sob uma mão que massageia o nariz. “Será que você pode nos dar licença um minuto e esperar ali fora, Chuck?”

“O sr. White poderia levar o sr. Tavis e o seu acompanhante até a recepção”, diz o Gestor amarelo, sorrindo para os meus olhos sem foco.

“... me deram a entender que tudo isso tinha sido resolvido antes, por causa do...”, o C.T. está dizendo enquanto ele e deLint são levados até a porta. O técnico de tênis estende um braço hipertrofiado. O Assuntos Acadêmicos diz: “Somos todos amigos e colegas aqui”.

Isso não está funcionando. Percebo de repente que uma placa de saída EXIT ia parecer, para um falante nativo de latim, uma placa luminosa vermelha com a expressão “ele sai”, ou EXIT também. Eu cederia ao impulso de disparar na direção da porta na frente deles se pudesse saber que disparar na direção da porta era o que os homens aqui nesta sala veriam. O deLint está murmurando alguma coisa para o técnico de tênis. Sons de teclados, consoles de telefone no que a porta se abre brevemente e depois se fecha com firmeza. Eu estou sozinho entre cabeças administrativas.

“... querer ofender ninguém”, o Gestor de Assuntos Esportivos está dizendo, com seu blazer castanho e sua gravata insigniada em tipo minúsculo — “além de simplesmente ter habilidades físicas lá fora, que por favor acredite que nós respeitamos, *queremos*, acredite.”

“... alguma dúvida quanto a isso não estaríamos tão ansiosos por essa conversinha diretamente com você, não é?”

“... soubemos ao analisar várias outras inscrições que vieram pelo escritório do sr. White que a Escola Enfield é administrada, por mais que seja administrada de forma muito eficiente, por parentes próximos primeiro do seu irmão, que eu ainda consigo me lembrar como Maury Klamkin, o antecessor do sr. White, cortejou aquele menino, de modo que a objetividade das notas pode ser questionada com bastante facilidade...”

“Por cujo possa ser o dever — a PUAAN, programas de má-vontade na própria Conferência do Pacífico, a CAAONAN...”

Os ensaios são antigos, tudo bem, mas são meus, *de moi*. Mas, tudo bem, são antigos, e não exatamente sobre o tema solicitado na inscrição, que era a Experiên-

cia Educacional Mais Significativa de Sua Vida. Se eu tivesse mandado um do ano passado, vocês iam achar que parecia uma criancinha socando à toa o teclado, e isso para o senhor, que usa *cujo* que nem no século xv. E nesse novo grupo mais reduzido o Diretor de Redação parece de repente agir, emergindo tanto como macho alfa aqui quanto como uma figura muito mas efeminada do que tinha parecido de início, de pé e requebrando com uma mão na cintura, mexendo os ombros ao andar, sacudindo as moedinhas enquanto puxa a calça para cima ao se deixar cair na cadeira que ainda está quente da bunda do C.T., cruzando as pernas de uma maneira que o faz se projetar no que já é o meu espaço pessoal, de modo que consigo ver múltiplos tiques de sobrançelha e teias de capilares nas ostras embaixo dos olhos dele e sentir os cheiros já azedos do amaciante de roupas e dos resquícios de uma balinha de menta.

“... um menino brilhante, sólido, mas muito tímido, sabemos da sua timidez, o Kirk White nos contou o que seu jovem professor musculoso ainda que meio retraído contou para ele”, o Diretor diz baixinho, colocando o que eu sinto ser uma mão em cima do bíceps do meu blazer (claro que não), “que simplesmente precisa respirar fundo e ter confiança e contar o seu lado da história pra esses sujeitos que não desejam o mal não mesmo mas estão só fazendo a sua obrigação e tentando cuidar dos interesses de todo mundo ao mesmo tempo.”

Eu fico imaginando o deLint e o White sentados com os cotovelos nos joelhos na postura defecatória de todos os atletas em repouso, o deLint encarando aqueles polegares imensos, enquanto o C.T. anda na recepção de um lado para o outro numa elipse apertada, falando no seu telefone portátil. Eles me prepararam para isto aqui como se eu fosse um Capo indo para um interrogatório do FBI. Um silêncio neutro e sem emoções. O tipo de jogo defensivo que o Schtitt me fazia adotar: a melhor defesa: devolva todas; não faça nada. Eu diria tudo que vocês querem saber e mais um pouco, se os sons que eu emitisse pudessem ser o que vocês iam ouvir.

O Assuntos Esportivos, com a cabeça saindo debaixo da sua asa: “... para evitar procedimentos de avaliação que podiam ser considerados essencialmente orientados para o lado esportivo. Podia ficar feio, meu filho”.

“O Bill quer dizer a aparência, não necessariamente os fatos reais verdadeiros da história, que só você pode fornecer”, diz o Diretor de Redação.

“... a aparência de um ranqueamento esportivo muito bom, as notas subnormais, os ensaios excessivamente acadêmicos, as notas incríveis que brotam do que poderia ser visto como uma situação de nepotismo.”

O Pró-Reitor amarelo se inclinou tanto para a frente que a gravata dele vai ficar com um chanfro horizontal da borda da mesa, com uma cara lívida e bondosa e chega-de-enrolação-de-uma-vez:

“Veja bem, sr. Incandenza, Hal, por favor só me explique por que não podíamos ser acusados de estar usando você, meu filho. Por que ninguém poderia chegar e dizer Puxa vida, olha só, Universidade do Arizona, olha vocês aí usando um menino só por causa do corpo, um menino tão tímido e fechado que nem fala em sua própria defesa, um brucutu com umas notas maquiadas e um currículo comprado.”

A luz em ângulo de Brewster do tampo da mesa surge como um rubor róseo por trás das minhas pálpebras fechadas. Não consigo me fazer entender. “Eu não sou só um brucutu”, digo bem devagar. Articuladamente. “Até pode ser que o meu histórico do ano passado tenha sido um tantinho mexido, mas isso foi pra me ajudar num momento complicado. As notas anteriores são *de moi*.” Eu estou de olhos fechados; a sala está em silêncio. “Eu agora não estou conseguindo me fazer entender.” Estou falando lenta e articuladamente. “Digamos que foi alguma coisa que eu comi.”

É engraçado o que a gente não lembra. A nossa primeira casa, na periferia de Weston, que eu mal consigo lembrar — o meu irmão mais velho, Orin, diz que ele lembra de estar no quintal com a nossa mãe no começo da primavera, ajudando a Mães a arar uma hortinha na terra fria. Março ou começo de Abril. A área da horta era um retângulo meio torto marcado com palitinhos de picolé e barbante. O Orin estava tirando pedras e torrões duros do caminho da Mães enquanto ela operava uma Rototiller emprestada, uma coisa a gasolina com formato de carrinho de mão que rugia e roncava e dava pinotes e ele lembra que parecia mais impelir a Mães que vice-versa, a Mães muito alta e tendo que se dobrar dolorosamente para se segurar, com os pés deixando marcas bêbadas na terra arada. Ele lembra que no meio do processo eu saí disparado pela porta e cheguei no quintal com uma roupa do ursinho Puff vermelha e felpuda, chorando, segurando uma coisa que ele disse que era realmente feia de ver na minha mão aberta. Ele diz que eu tinha uns cinco anos e estava chorando todo vermelho-brilhante no ar frio da primavera. Eu ficava repetindo alguma coisa; ele não conseguiu ouvir até que a nossa mãe me viu e desligou a máquina, com um zumbido nos ouvidos, e foi ver o que eu estava segurando. E no final aquilo era um grande tufo de mofo — o Orin supõe que de algum canto escuro do porão da casa de Weston, que era quente por causa da fornalha e que inundava toda primavera. O tufo em si ele descreve como horrendo: verde-escuro, reluzente, vagamente cabeludo, pontilhado de pontos fúngicos parasitas de cor amarela, laranja, vermelha. Pior, eles viam que o tufo parecia estranhamente incompleto, mordido; e um pouco daquela substância nauseabunda sujava a minha boca aberta. “Eu comi isso aqui”, era o que eu estava dizendo. Eu estava estendendo o tufo para a Mães, que tinha tirado as lentes de contato para o trabalho sujo, e de início, toda recurvada, só enxergava o filho chorando, mão aberta, oferecendo algo; e no reflexo mais materno ela, que sentia medo e repulsa acima de tudo por lixo e sujeira, estendeu a mão para pegar o que quer que fosse que o seu filhinho estava oferecendo — como quantos lenços de papel usados, pesados, balas cuspidas, pedaços de chiclete mascados em quantos cinemas, aeroportos, bancos traseiros, saquões de torneios? O O. ficou ali parado, diz ele, sopeando um torrão gelado, brincando com o velcro do casaco fofo, olhando enquanto a Mães, curvada para chegar a mim, mão estendida, apertando o rosto descendente com seu olhar presbíope, de repente se deteve, congelou, começando a sacar o que era que eu estava segurando, e dando mostras de contato oral com a mesma subs-

tância. Ele lembra do rosto dela como de uma coisa indescritível. A mão estendida, ainda rototrêmula, suspensa no ar diante da minha.

“Eu comi isso aqui”, eu disse.

“Como é que é?”

O O. diz que não lembra de mais nada (sic) a não ser de ter soltado alguma ironia enquanto dava uma de dançarino caribenho para estralar as costas. Ele diz que deve ter sentido uma tremenda angústia iminente. A Mães sempre se recusava até a ir ao porão úmido. Eu tinha parado de chorar, ele lembra, e simplesmente estava ali parado, do tamanho e da cor de um hidrante, de pijamão vermelho com pezinhos, estendendo o mofo, sério, como se fosse o relato de algum tipo de auditoria. O O. diz que a memória dele diverge nesse ponto, provavelmente por causa da angústia. Na primeira lembrança dele, o caminho da Mães pelo quintal é um amplo círculo histérico:

“*Meu Deus!*”, ela grita.

“Socorro! O meu filho comeu isso aqui!”, ela berra na segunda e mais completa reminiscência do Orin, berrando sem parar, segurando o tufo salmilhado no ar com uma pinça de dedinhos, correndo sem parar pelo retângulo da hortinha enquanto o O. ficava boquiaberto diante da sua primeira visão real da histeria adulta. Cabeças de vizinhos de periferia surgiram às janelas e por sobre as cercas, olhando. O O. se lembra de me ver tropeçando no barbante estendido no jardim, levantando sujo, chorando, tentando ir atrás dela.

“Meu Deus! Socorro! O meu filho comeu isso aqui! Socorro!”, ela ficava berrando, correndo num padrão estreito dentro do quadrilátero de barbante; e o meu irmão Orin lembra de ter percebido como mesmo durante um momento histérico de trauma as linhas de fuga dela ficavam no prumo, com pegadas indigenamente retas, e as curvas, dentro do ideograma de barbante, secas e marciais, gritando “O meu filho comeu isso aqui! Socorro!”, e dando duas voltas antes de a lembrança dele se apagar.

“O meu currículo não é comprado”, estou dizendo a eles, falando para a escuridão da caverna vermelha que se abre diante dos meus olhos fechados. “Eu não sou só um carinha que joga tênis. Eu tenho uma história intrincada. Experiências e sentimentos. Eu sou complexo.

“Eu *leio*”, eu digo. “Eu estudo e leio. Aposto que li tudo que vocês leram. Nem pensem que não. Eu consumo bibliotecas inteiras. Eu gasto lombadas e drives de ROM. Eu faço umas coisas tipo entrar num táxi e dizer ‘Pra biblioteca, e pé na tábua’. Os meus instintos no que se refere a sintaxe e mecânica são melhores que os de vocês, dá pra ver, com o devido respeito.

“Mas transcende a mecânica. Eu não sou uma máquina. Tenho sentimentos e crenças. Tenho opiniões. Algumas são bem interessantes. Eu podia, se vocês deixassem, ficar aqui falando sem parar. Vamos falar sobre qualquer coisa. Eu acho que a influência de Kierkegaard em Camus é subestimada. Eu acho que o Dennis Gabor pode muito bem ter sido o anticristo. Eu acho que Hobbes é só Rousseau num es-

pelho escuro. Eu acho, como Hegel, que transcendência é absorção. Eu era capaz de acabar com vocês nesse negócio de interface”, digo. “Eu não sou só um creatus, manufaturado, condicionado, gerado pra uma função específica.”

Eu abro os olhos. “Por favor, não pensem que eu não ligo.”

Eu olho em volta. Na minha direção há horror. Eu levanto da cadeira. Vejo queixos frouxos, sobrancelhas altas em testas trêmulas, bochechas brancas reluzentes. A cadeira se afasta embaixo de mim.

“Santa mãezinha de Deus”, o Diretor diz.

“Eu estou bem”, eu digo a eles, de pé. A julgar pela expressão do Gestor amarelo, tem um vento monstruoso soprando da minha direção. O rosto do Assuntos Acadêmicos ficou instantaneamente velho. Oito olhos se transformaram em discos em branco encarando seja lá o que for que estão vendo.

“Jesus amado”, sussurra Assuntos Esportivos.

“Por favor não se preocupem”, eu digo. “Posso explicar.” Eu tranquilizo o ar com uma mão despreocupada.

Meus dois braços são presos atrás de mim pelo Dir. de Redação, que me empurra com força, jogando todo o peso em cima de mim. Eu sinto gosto de chão.

“O que é que você *tem*?”

Eu digo “*Nada*.”

“*Está tudo bem!* Eu estou *aqui!*”, o Diretor está gritando no meu ouvido.

“Chamem alguém!”, grita um Pró-Reitor.

Eu estou com a testa espremida num piso de parquê que nunca imaginei que podia ser tão frio. Estou preso. Tento passar a impressão de ser mole e maleável. Meu rosto está achatado; o peso do Red. dificulta a minha respiração.

“Escutem um pouco”, eu digo bem devagar, surdinado pelo chão.

“Mas, meu Deus do céu, o que é que são esses...”, um Pró-Reitor grita estridulo, “... esses *barulhos*?”

Vêm cliques de botões de console fônico, saltos de sapato se movendo, girando, uma pilha de folhas fininhas caindo.

“*Jesus!*”

“*Socorro!*”

A base da porta se abre na margem esquerda: uma cunha de luz halógena de corredor, tênis branco e um par gasto de Nunn Bush. “Deixa ele levantar!” É o deLint.

“*Está tudo certo*”, eu digo lentamente para o chão. “Eu estou aqui.”

Sou muletalmente erguido pelas axilas e sacudido para atingir o estado que ele deve considerar ser de calma por um Diretor de rosto vermelhíssimo: “Para com isso, meu filho!”

O deLint no braço do homenzarrão: “Chega!”

“Eu não sou o que vocês veem e ouvem.”

Sirenes distantes. Um half nelson toscó. Formas à porta. Uma moça hispânica com a mão aberta na frente da boca, olhando.

“Não sou”, eu digo.

Não tem como não gostar desses banheiros masculinos antiquados: o cheiro cítrico dos discos aromatizantes no longo urinol de porcelana; os cubículos com portas de madeira em molduras de mármore frio; aquelas pias estreitas enfileiradas, cubas sustentadas por raquíticos alfabetos de encanamentos expostos; espelhos acima de prateleiras de metal; por trás de todas as vozes o tènue som de um gotejar ininterrupto, inflado pelo eco contra a porcelana úmida e um gélido piso de lajotas cujo padrão de mosaico parece quase islâmico visto assim tão de perto.

O transtorno que eu provoquei roda por tudo. Fui meio arrastado, ainda imobilizado, através de uma turba rala de gente da Administração pelo Dir. de Redação — que parece ter pensado em momentos diferentes que eu estou tendo uma convulsão (tentando me abrir a boca à força para ver se a garganta não tinha sido obstruída pela língua), que eu estou engasgando com alguma coisa (uma clássica manobra de Heimlich que me deixou gemendo), que eu estou psicoticamente descontrolado (várias posturas e golpes destinados a transferir para ele aquele controle) — enquanto em torno de nós azafamavam o deLint, tentando conter a contenção do Diretor, o técnico de ténis contendo o deLint, o meio-irmão da minha mãe falando em velozes combinações de polissílabos com o trio de Gestores, que se alternam entre arfar, torcer as mãos, afrouxar as gravatas, sacudir dígitos na cara do C.T. e fazer passes de mágica com já-bem-nitidamente-supérfluos formulários de inscrição.

Eles me põem em decúbito dorsal sobre as lajotas geométricas. Eu estou docilmente me concentrando na questão de por que os sanitários dos EUA sempre nos parecem enfermarias para transtornos públicos, o lugar onde recuperar o controle. Estou com a cabeça aconchegada no colo de um ajoelhado Diretor, que é macio, meu rosto sendo secado por toalhas institucionais de papel marrom-poeira que ele recebeu de alguma mão provinda lá da turba no alto, encarando com toda a prostração que consigo gerar as pequenas pústulas da mandíbula dele, piores na linha borrada do maxilar, cicatrizes de uma acne antiga. Tio Charles, que é um falador de merda absolutamente sem igual, está mandando ver uma carrada da substância, tentando dobrar uns sujeitos que parecem precisar bem mais que eu de umas toalhinhas na testa.

“Ele está ótimo”, ele fica dizendo. “Olhem ali, calmo que só ele, deitadinho.”

“O senhor não viu o que *aconteceu* lá dentro”, um recurvado Gestor responde por trás de um rosto coberto de uma teia de dedos.

“Empolgação, é só isso, às vezes ele é meio empolgado, fica impressionado com...”

“Mas os *barulhos* que ele fez.”

“Indescritíveis.”

“Como um animal.”

“Uns sons e uns barulhos subanimalísticos.”

“Sem falar nos *gestos*.”

“O senhor já foi procurar *ajuda* para esse menino, dr. Tavis?”
“Parecia um bicho com alguma coisa na boca.”
“Esse menino é doente.”
“Parecia um tablete de manteiga apanhando de marreta.”
“Um bicho se contorcendo com uma faca no olho.”
“O que é que o senhor podia estar *tentando*, quando quis matricular esse...”
“E os *braços* dele.”
“Você não viu, Tavis. Os braços dele ficaram...”
“Se debatendo. Meio que uns meneios compridos, tamborilantes. *Balançando*”, o grupo olhando brevemente para alguém fora do meu campo de visão tentando demonstrar alguma coisa.
“Como se fosse um estrobo, um tipo de um tremor de alguma... coisa... horrenda.”
“O som, acima de tudo, parecia um bode se afogando. Um bode, se afogando em alguma coisa grudenta.”
“Uma sequência estrangulada de balidos e...”
“É, era um *balanço*.”
“Agora de uma hora pra outra ficar se balançando de empolgação virou crime, é?”
“O senhor está encrencado, meu amigo. O senhor está *encrencado*.”
“O rosto dele. Como se ele estivesse sufocando. *Queimando*. Acho que eu tive uma visão do inferno.”
“Ele tem alguns problemas de comunicação, ele é comunicativamente prejudicado, ninguém está negando isso.”
“O menino precisa de *ajuda*.”
“E em vez de ajudar o menino vocês mandam ele para cá, para se *matricular*, para *competir*?”
“O Hal?”
“O senhor não imagina, nem nas suas fantasias mais pavorosas o senhor não imagina o tipo de *encrenca* em que acabou de se meter, sr. suposto Diretor, *educador*.”
“... dado a entender que isso tudo era só uma formalidade. Vocês assustaram o menino, só isso. Tímido...”
“E você, White. Você tentou *recrutar* esse rapaz!”
“... impressionado e empolgado demais lá dentro, sem nós, que somos o apoio dele, que vocês pediram para se retirar dali, que se não fosse...”
“Eu só tinha visto ele jogar. Na quadra é uma beleza. Possivelmente um gênio. A gente não fazia ideia. O irmão está na porra da NFL, droga. Está aí um jogador de primeira, a gente pensou, com raízes no Sudoeste. As estatísticas dele eram absurdas. A gente prestou atenção nele no WhataBurger inteirinho no outono do ano passado. Nem um meneio nem um ruído. A gente estava vendo um balé na quadra, um sujeito comentou depois.”
“Pode ter certeza que você estava vendo um balé naquele dia, White. Esse menino é um atleta dançarino, um jogador.”

“Um tipo de savant esportivo, então. Uma compensação harmônica pelos profundos problemas que o *senhor* tentou disfarçar ao trazer o menino amordaçado aqui.” Um caro par de alpargatas brasileiras passa à esquerda e entra num cubículo, as alpargatas dão a volta e me encaram. O urinol goteja ao fundo dos pequenos ecos das vozes.

“... de repente era melhor a gente ir indo”, o C.T. está dizendo.

“A integridade do meu sono ficou comprometida para sempre, meu amigo.”

“... pensando que podia passar um ingressante com problemas, forjar credenciais e empurrar o menino por uma entrevista fuleira para largar o coitado no meio de todos os rigores da vida universitária?”

“O Hal aqui *funciona*, seu bostinha. Desde que tenha apoio. Ele fica muito bem por conta própria. Está certo, ele tem certos problemas de empolgação nas conversas. Por acaso vocês ouviram ele tentar negar isso uma vez que fosse?”

“Nós testemunhamos um negócio só marginalmente *mamífero* ali dentro, meu amigo.”

“Nem a pau. Dá uma olhada. Como é que o empolgadinho ali está, Aubrey, que é que você acha?”

“Meu amigo, o senhor deve ser doido. Essa história não acaba aqui.”

“Mas que *ambulância*? Vocês não estão *escutando*? Eu estou dizendo que tem...”

“Hal? Hal?”

“Dopa o rapaz, tenta transformar ele em boneco de ventríloquo, amordaçado, e agora o garoto está ali estendido, catatônico e com um olhar vidrado.”

O estalo dos joelhos do deLint. “Hal?”

“... extrapolar isso tudo em público de algum jeito distorcido. A academia tem ex-alunos famosos, um conselho de causídicos. O Hal aqui é provavelmente competente. Credenciais saindo pelo ladrão, Bill. O sujeitinho lê que nem um aspirador. *Digere* as coisas.”

Eu só fico ali deitado, ouvindo, sentindo o cheiro do papel-toalha, vendo o giro de uma alpargata.

“A vida é mais que isso de ficar ali sentado interfaceando, caso o senhor não saiba.”

E quem não adoraria aquele troar especial e leonino de um banheiro público?

Não era à toa que o Orin dizia que as pessoas ao ar livre por aqui só corriam em vetores, de ar-condicionado para ar-condicionado. O sol é uma marreta. Dá para eu sentir um lado do meu rosto começar a fritar. O céu azul está brilhante e gordo de calor, uns poucos cirros finos tosados em feixes que sopram como cabelo nas bordas. O trânsito não parece nada o de Boston. A maca é do tipo especial, com tiras de contenção nas extremidades. O mesmo Aubrey deLint que eu desconsiderei durante anos como um linha-dura bidimensional se ajoelhou ao lado da maca para apertar a minha mão amarrada e dizer “Segura a onda, garoto”, antes de voltar à querela administrativa às portas da ambulância. É uma ambulância especial, enviada é melhor eu

nem pensar muito de onde, com não só uma equipe de paramédicos mas algum tipo de psiquiatra a bordo. Os caras erguem com cuidado e são bons de amarração. O psiquiatra, encostado na lateral da ambulância, está com as mãos erguidas numa mediação imparcial entre os Gestores e o C.T., que não para de cutucar os céus com a antena do celular, como se fosse um sabre, injuriado por eu estar sendo ambulanciado para algum pronto-socorro contra a minha vontade e os meus interesses. A questão de saber se pessoas nesse tipo de condição sequer têm vontades interessadas é abordada superficialmente enquanto algum tipo de caça ultra-mach alto demais para ouvir fatia o céu de sul a norte. O psiquiatra está com as mãos erguidas e dando palmadinhas no ar para demonstrar imparcialidade. Ele tem um queixão azul. No único outro pronto-socorro em que eu já estive, quase exatamente um ano atrás, a maca psiquiátrica foi empurrada e depois estacionada ao lado das cadeiras da sala de espera. As cadeiras eram de plástico injetado laranja; três delas mais para a frente naquela fileira estavam ocupadas por pessoas diferentes, todas segurando frascos vazios de remédio e suando em bicas. Só isso já teria sido ruim, mas na cadeira da ponta, bem ao lado da minha cabeça atada à maca, estava uma mulher encamiseta com pele cor de madeira de demolição e um boné de caminhoneiro que adernava pesado para estibordo e começou a me contar, eu deitado ali amarrado e imóvel, como ela tinha sofrido aparentemente da noite para o dia de um gigantismo repentino e anômalo no seio esquerdo, que ela chamava de tetinha; ela falava com um sotaque québecois quase caricatural e descreveu a sintomatologia e os possíveis diagnósticos da “tetinha” por quase vinte minutos antes de me empurrarem dali. O movimento e o rastro do jato parecem incisionísticos, como se uma carne branca por trás do azul fosse sendo exposta e se abrisse na esteira da lâmina. Uma vez eu vi a palavra *FACA* escrita a dedo no espelho embaçado de um banheiro não público. Virei um infantófilo. Eu me vejo forçado a revirar os olhos fechados para cima ou para o lado para evitar que a caverna vermelha irrompa em chamas por causa do sol. O trânsito que passa pela rua é constante e parece estar dizendo “Shh, shh, shh”. O sol, se os teus olhos piscantes topam com ele nem que seja de leve, dá aquelas luzinhas azuis e vermelhas boiando no ar que um flash te dá. “Por que não? Por que não? Por que não, então, se o melhor argumento que o senhor consegue arranjar é por que não?” A voz do C.T., recuando injuriada. Agora só são visíveis os galantes cutucões da antena dele, bem no extremo direito do quadro da minha visão. Eu vou ser levado pra algum pronto-socorro, onde vou ser mantido enquanto não responder às perguntas, e aí, quando eu responder às perguntas, vão me sedar; então vai ser uma inversão da viagem padrão, a ambulância e o PS: primeiro o trajeto, depois a partida. Eu penso muito rapidamente no falecido Cosgrove Watt. Penso no hipofalangial Terapeuta-de-Trauma. Penso na Mães, arrumando latas de sopa em ordem alfabética no armário acima do micro-ondas. No guarda-chuva de S próprio pendurado pelo cabo na borda da mesa de correspondência logo na entrada do saguão da Casa do Diretor. O tornozelo bichado não doeu nenhuma vez neste ano inteiro. Eu penso em John N.a. V. Wayne, que teria vencido o WhataBurger deste ano, de pé com uma máscara enquanto Donald Gately e eu desenterramos a cabeça

do meu pai. É quase certeza que o Wayne teria vencido. E a Venus Williams tem um rancho perto de Green Valley; pode bem ser que ela assista as finais masculinas e femininas do sub-18. Eu vou sair com tempo de sobra para jogar a semi de amanhã; confio no Tio Charles. É quase certo que o vencedor de hoje à noite vai ser o Dymphna, de dezesseis anos e que faz aniversário duas semanas antes do limite de 15 de abril; e o Dymphna ainda vai estar cansado amanhã às 0830, enquanto eu, sedado, vou ter dormido como uma imagem entalhada. Eu nunca encarei o Dymphna num torneio nem joguei com as bolas sonoras que os cegos precisam usar, mas vi ele lutando pra dar conta do Petropolis Kahn nas oitavas, e sei que ele está frito.

Vai começar no PS, na mesa de recepção se o C.T. demorar para seguir a ambulância, ou na sala de azulejos verdes depois da sala com as máquinas digitais-invasivas; ou, levando-se em conta essa ambulância especial com seu próprio psiquiatra, talvez já no caminho: algum doutorzinho de queixada azul esfregadinha até ficar com um brilho antisséptico, com o nome bordado em letra cursiva no bolso do peito do jaleco branco e uma caneta de qualidade, dessas que vêm em estojos, querendo um interrogatoriozinho à beira da maca, etiologia e diagnóstico pelo método socrático, organizado e detalhado. Segundo a sexta edição do dicionário Oxford, há dezanove sinônimos não arcaicos para *inerte*, dos quais nove são latinos e quatro saxões. Eu vou jogar ou contra o Stice ou contra o Polep na final de domingo. Quem sabe na frente da Venus Williams. Mas vai ser alguém mal pago e sem treinamento, inevitavelmente — uma auxiliar de enfermagem com unhas sabugadas, um segurança do hospital, um zelador cubano cansado que me chama de bocê — quem vai, dando uma espiada no meio de alguma tarefa apressada, me pegar olhando e perguntar E aí cara qual que é a *tua* história?